

1.3.1. O modelo de Katharina Reiß

A obra que serviu de base para a elaboração desta parte, *Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operative Text* (1976), é a publicação da tese de livre-docência apresentada pela autora na Universidade de Mainz, Alemanha, em 1974. O objetivo do trabalho de Reiß é descrito sucintamente já nas primeiras linhas:

“... elaborar uma tipologia textual relevante para a tradução, relacionando-a com decisões referentes a métodos tradutológicos no processo de tradução” (p. 1)

Embora não se possa extrair dessas primeiras linhas um sentido para o que a autora entende por “métodos tradutológicos”, a preocupação em buscar uma relação de pertinência entre tipo de texto e “método” de tradução já está claramente expressa. A hipótese que serve de ponto de partida para a autora é a de que “o tipo de texto determina o método de tradução a ser escolhido” (p. 1)

Ademais, são premissas importantes para a elaboração do modelo aqui enfocado: (a) a função comunicativa do texto é a base para o desenvolvimento de uma tipologia textual; e (b) a tradução é um processo de comunicação bilingüe, e não uma operação puramente lingüística.

Em seu trabalho, Reiß utilizou apenas o texto escrito, independentemente do seu meio de propagação. Para Reiß, texto é

“um ato de comunicação completo, coerente, orientado tematicamente, realizado no meio da escrita” (p. 2)

Três foram as perspectivas a partir das quais a autora passou a investigar a relação de pertinência entre tipo de texto e “método de tradução”, para usar sua própria terminologia. Essas perspectivas, por ela também chamadas de “vias de acesso para a elaboração de uma tipologia textual relevante para a tradução” (p.7), são as seguintes:

1. a perspectiva da experiência empírica: a idéia de relacionar tipo de texto com estratégia de tradução e, conseqüentemente, com avaliação de tradução surgiu da prática didática, do trabalho com tradutores iniciantes, bem como do exame da matéria na literatura científica sobre tradução. Nesse sentido, a autora constatou a predominância absoluta da oposição “fidelidade vs. liberdade” a nortear as reflexões sobre “métodos” de tradução. Tal classificação, sem dúvida relacionada com a antiga dicotomia estabelecida entre “textos utilitários” (ou “pragmáticos”) e “textos literários”, foi por ela considerada insuficiente para a discussão de problemas de tradução. Ainda no âmbito desta perspectiva empírica, Reiß iniciou sua pesquisa sobre uma tipologia textual a partir da função comunicativa dos textos: — “Para que são escritos (os textos)?” (p. 8) — pergunta-se. E responde: ou para informar, ou para expressar a individualidade de um autor, ou para modificar o comportamento do leitor. Como vemos, já estava embutida nesta resposta a essência de sua divisão tipológica.
2. a perspectiva lingüística: aqui, o ponto de partida foi a noção saussuriana de que a linguagem é “o principal meio usado pelo homem para se comunicar com outros homens e, dessa forma, expressar-se” (p. 9; grifo meu). Relacionando tais considerações com a resposta à pergunta formulada no parágrafo precedente, Reiß estabelece a seguinte relação: para o grupo de textos destinados a informar, a faculdade lingüística é aciona-

da para “representar o mundo”; para os textos do segundo grupo, destinados a expressar a individualidade de um autor, tal capacidade se destinaria a “enriquecer o mundo”, enquanto que, no terceiro caso, nos textos destinados a modificar o comportamento do leitor, a faculdade lingüística seria empregada para “modificar o mundo”. A oposição saussuriana *langue* — um conjunto de virtualidades — e *parole* — a realização de algumas dessas possibilidades — também foi importante para evidenciar o fato de que os textos estão no plano da *parole*, da realização concreta, e que, portanto, é no contexto que devem ser considerados. Nessa mesma perspectiva científica, outra contribuição veio das três funções básicas da linguagem — as funções representativa, expressiva e apelativa — descritas por BÜHLER (1934). Aqui fica evidente o paralelismo entre as funções descritas por Bühler e a categorização proposta por Reiß. Cabe frisar que a autora fala, aqui, no “predomínio de função” de linguagem enquanto elemento caracterizador de determinado tipo de texto, e reconhece a coexistência, num mesmo texto, das três funções básicas da linguagem. Contudo, tais funções estariam organizadas hierarquicamente, o que em tese determinaria o caráter específico do texto. Assim, ao tradutor caberia descobrir essa ordem hierárquica, a fim de resgatá-la na tradução.

3. a perspectiva da teoria da comunicação: para a autora, a perspectiva mais importante, pois a tradução é sempre feita para ser recebida por um destinatário: “Toda tradução pode ser vista como um processo de comunicação bilingüe” (p. 12). Há que se considerar, portanto, se num ato de comunicação a ênfase recai sobre o objeto do discurso (o que determinaria a primazia da veiculação de informação), ou sobre o emissor do texto, que expressa de certa maneira um conteúdo, ou ainda se está em primeiro plano a intenção de provocar impulsos

comportamentais (de reação e ação) no receptor. Dentro dessa perspectiva, os textos seriam orientados ora para o objeto de que tratam (*sachorientiert*), ora para o produtor do texto (*senderorientiert*), ora para o efeito a ser desencadeado no receptor (*verhaltensorientiert*).

É a própria autora quem assim resume as idéias expostas até aqui:

“Em toda manifestação lingüística entram em jogo basicamente as três funções da linguagem e os três componentes do processo de comunicação. Na produção de textos, porém, é perfeitamente possível que uma dessas funções ou um desses componentes ganhe uma posição de primazia em relação aos demais. Esse predomínio caracteriza, então, o tipo de texto e sua função comunicativa” (p. 17)

Num trabalho de 1971 — *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik. Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen* — Reiß já havia chegado a uma classificação geral para os tipos de texto, a partir da definição não apenas da função de linguagem predominante (já que “a tradução não é uma operação puramente lingüística”), mas também, e sobretudo, da função comunicativa predominante:

Função da linguagem	representação	expressão	apelo
Dimensão da linguagem	lógica	estética	dialogica
Tipo de texto (ênfase)	no conteúdo	na forma	no apelo

No quadro seguinte, obtido a partir das considerações de sua obra de 1976, e que sintetiza em forma de diagrama as considerações tecidas nos parágrafos precedentes, leia-se: (1) função textual, (2) característica, (3) padrão de equivalência e (4) método de tradução (função primária):

1. INFORMATIVO	(1) transmitir informação; (2) orientado para o referente; (3) invariância no plano do conteúdo; (4) "simples, despretencioso, prosaico".
2. EXPRESSIVO	(1) expressão (escrita) artística; (2) orientado para o emissor (produtor); (3) analogia na forma artística; (4) "identificante".
3. OPERATIVO	(1) desencadear impulsos de comportamento; (2) orientado para o receptor; (3) identidade do apelo imanente do texto; (4) "parodístico" (mais tarde: "adaptante").

No detalhamento de cada tipo, a autora fala, ainda que brevemente, dos efeitos de cada tipo sobre a escolha do "método" de tradução. No texto informativo (*sachorientiert*), ou orientado para o objeto do discurso), "léxico, sintaxe e estilo são tratados de modo a se adaptarem às normas usuais, na língua de chegada, para os tipos de textos correspondentes" (p. 20). Para Reiß, o objetivo da tradução deve ser a invariância no plano do sentido. Ademais, o tradutor deve procurar manter, no texto de chegada, a "forma

interna", isto é, "o tipo de discurso e sua adequação ao objeto tratado" e adequar a "forma externa" à forma de praxe na língua e na cultura de chegada (p. 20). Para a denominação do "método de tradução" a ser adotado nesse caso, a autora reporta-se ao poeta e filósofo alemão J. W. von Goethe e sugere um método "simples, despretencioso, prosaico".

No texto expressivo (*sensorientiert*), ou voltado para o emissor), o objetivo deve ser, sobretudo,

"a analogia na configuração do texto, resguardada, tanto quanto possível, a desejada invariância no plano semântico". (...) Léxico, sintaxe, estilo e estrutura são tratados de modo a produzirem, na língua de chegada, um efeito estético análogo ao caráter expressivo individual do texto produzido na língua de partida" (p. 21, grifos da autora)

Quanto ao método de tradução a ser adotado para esse tipo de texto, Reiß fala de um método "identificante", termo também inspirado em Goethe:

"O tradutor se identifica com as intenções, com o desejo de expressão do autor e, a partir dessa identificação, procura obter, na língua de chegada, uma configuração textual análoga do ponto de vista linguístico-estético" (p. 22, grifo meu)

Na tradução do texto operativo (*verhaltensorientiert*), ou orientado no sentido de provocar uma alteração no comportamento — "Verhalten" — do receptor),

"(...) trata-se sobretudo de se manterem as possibilidades de efeito operativo. (...) O objetivo da tradução deve ser, paralela-

mente à desejada invariância semântica e à analogia estilística, conseguir a *identidade do apelô imamente ao texto*" (p. 22, grifo da autora)

Para tanto, em todas as decisões tomadas isoladamente na tradução dos textos chamados operativos, há que se considerar o pano de fundo sócio-cultural e a mentalidade do receptor. Ademais, deve-se manter a "tensão interior" marcada pela discrepância entre o tipo de discurso e o objeto de discurso e adaptar a forma externa — i.e., "o uso de formas disponíveis na língua para uso apelativo" (p. 22) — às condições da língua de chegada. Ainda reportando-se a Goethe, a autora chama este método de "parodístico", modificando esta designação, mais tarde, para "adaptante".

Até aqui, a função comunicativa do texto de chegada determinava a função da tradução. Essa coincidência entre a função textual e a função da tradução é chamado pela autora de "normal" ou de "função primária da tradução" (p. 23). Para esses casos, o método de tradução deve centrar-se na "adequação à função", já que a intenção de comunicação expressa no texto de chegada é mantida na tradução.

Mas pode haver desvios. Na prática de tradução, a função comunicativa pode ser alterada, dependendo da intenção comunicativa do texto de chegada e do tipo de recepção. Nesses casos, o texto de chegada assume uma função diferente da que tinha o texto de partida, e as funções comunicativas, hierarquizadas de uma maneira no texto de partida, são reordenadas de modo a atingirem *outro* objetivo, de modo, enfim, a *se adaptarem* às intenções comunicativas estabelecidas para o texto a ser traduzido. Em seu trabalho, Reiß examina fundamentalmente duas possibilidades que, na verdade, estão interrelacionadas, já que é difícil imagi-

nar que uma dessas hipóteses ocorra independentemente da outra. São elas:

- a) a tradução assume, na língua de chegada, uma função diferente da que tinha o texto de partida. É o caso de resumos ou resenhas de livros, de peças de teatro, de obras de ficção etc. É o caso, ainda, das alterações que devem sofrer certos textos para efeitos de pesquisa ou para propósitos didáticos;
- b) a função comunicativa do texto de partida permanece basicamente a mesma, mas o texto de chegada visa a um grupo de destinatários diferente do grupo a que visava o texto de partida. É o caso, por exemplo, da vulgarização de obras técnicas, da tradução/adaptação de obras da literatura universal para um público infanto-juvenil, entre outros.

Reavaliando tudo o que se expôs até agora, a primeira observação a fazer refere-se ao fato de que a realidade dos textos contradiz a noção de divisão estanque de categorias sugeridas por Reiß. Os textos, tal como os encontramos diariamente em suas manifestações concretas, são *formas híbridas*. Embora a própria autora reconheça a coexistência, num mesmo texto, das três funções de linguagem e das três funções comunicativas, só que hierarquizadas, nem sempre é fácil definir a função predominante em certos exemplares de texto: um comentário político ou econômico repleto de metáforas, ou o texto de propaganda de um microcomputador, com um elevado índice de termos técnicos, só para citarmos dois exemplos.

Tudo indica que a determinação da função predominante está intimamente ligada ao objetivo da produção do texto que, por sua vez, ocorre sob o pano de fundo de um momento sócio-histórico-cultural. Tudo indica, portanto, que o predomínio das funções comunicativa ou de linguagem, longe de ser constante,

oscila sob a influência de um número enorme de variáveis. Se consideramos a relação embrionária que os textos mantêm com a realidade sócio-cultural, de que são frutos e elementos determinantes, a classificação por compartimentos estanques, além de difícil realização prática, não se sustenta no tempo e no espaço, e requer constantes revisões.

Assim, se levarmos às últimas conseqüências o modelo proposto por Reiß, teremos de colocar dentro de um mesmo compartimento destinado aos textos informativos, por exemplo, exemplos de textos que, na avaliação percentual de suas funções primária, secundária e terciária, apresentam índices muito divergentes para a função predominante. Explicando melhor: ainda que na prática fosse possível “medir” percentualmente cada função — de linguagem e de comunicação — identificada dentro de um texto, teríamos que considerar “iguais”, pelo menos do ponto de vista da tipologia, textos em que o percentual de informação, comparativamente ao percentual dos índices de expressividade e do emprego de recursos apelativos, fosse da ordem de 95%, 2,5% e 2,5%, respectivamente, e textos em que tal percentual fosse marcado, por exemplo, pela relação 35% de informatividade contra 33% de expressividade e 32% de caráter apelativo.

Outro aspecto a se considerar é o da designação “método de tradução” empregada pela autora. “Método”, aqui, parece referir-se mais a uma disposição pessoal do tradutor diante do seu trabalho, ao seu posicionamento diante da tarefa que tem diante de si: método “identificante”, “prosaico”, “adaptante”. Tais noções, além de vagas, podem receber interpretações diferentes de pessoa para pessoa e devem ser vistas apenas como orientações muito gerais, como o estágio preliminar da definição de uma estratégia concreta, para cuja formulação entram em jogo uma série

de fatores. A determinação da estratégia de trabalho, como preferimos chamar, depende de uma reflexão muito mais ampla, inclui a determinação de instrumentos de apoio e visa a otimizar o uso desses mesmos instrumentos na perseguição ao objetivo traçado para o trabalho.

Outro ponto criticável no trabalho de Reiß é o emprego freqüente da expressão “invariância semântica”, citada pela autora como meta a ser atingida na tradução. A noção de invariância pressupõe a existência, ao menos no plano ideal, de uma correspondência absoluta de significados, de uma equivalência perfeita, sem perdas ou ganhos de espécie alguma, entre segmentos textuais que são transferidos de uma cultura para outra. Na Parte III deste capítulo, teremos oportunidade de discutir mais detalhadamente a questão da chamada invariância de sentido no plano lexical.

1.3.2. O modelo de Mary Snell-Hornby

O capítulo que serviu de base para as considerações que se seguem — “Translation studies as an independent discipline” — faz parte do livro *Translation Studies. An integrated approach* (1988). Antes de abordar a questão da tipologia textual propriamente dita, Mary Snell-Hornby tece algumas considerações preliminares que têm por objetivo apresentar as diretrizes da evolução do pensamento sobre teoria da tradução.

Explica a autora que duas correntes básicas têm dominado as reflexões teóricas sobre tradução: de um lado, uma tradição de quase 2.000 anos, centrada quase que exclusivamente em obras de arte exponenciais, obras da literatura universal e textos bíblicos, e,

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Jacques Marcovitch
Vice-Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert
Vice-Diretor: Prof. Dr. Renato da Silva Queiroz

CONSELHO EDITORIAL DA HUMANITAS

- Presidente: Prof. Dr. Milton Meira do Nascimento (Filosofia)
- Membros: Prof. Dr. Lourdes Sola (Ciências Sociais)
- Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro de Moura (Filosofia)
- Prof. Dr. Sueli Angélio Furlan (Geografia)
- Prof. Dr. Elias Thomé Saliba (História)
- Prof. Dr. Beth Brant (Letras)

Endereço para correspondência

COMPRAS

HUMANITAS LIVRARIA – FFLCH/USP
 Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária
 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil
 Tel.: 818-4589
 e-mail: publflch@edu.usp.br
<http://www.flch.usp.br>
 SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E INFORMAÇÃO
 Telefone: 818-4612 – e-mail: di@edu.usp.br

JOÃO AZENHA JUNIOR

TRADUÇÃO TÉCNICA
E CONDICIONANTES CULTURAIS

PRIMEIROS PASSOS PARA UM ESTUDO INTEGRADO

Humanitas
FFLCH-USP

1999



Humanitas
FFLCH-USP

